

AGENDA DE PESQUISA PARA A ORIENTAÇÃO EMPREENDEDORA EM UNIVERSIDADES

Vanessa Nunes de Sousa Alencar Vasconcelos¹

Amélia Silveira²

Sabrina do Nascimento³

Diego Cesar Terra de Andrade⁴

Resumo: A orientação empreendedora (OE) em gestão de universidades representa temática para pesquisas em Administração. Assim, analisar a produção científica internacional para construir conhecimento e traçar perspectivas emergentes em OE em instituições de ensino superior se constitui no objetivo deste estudo. Para tanto, foi realizada pesquisa bibliométrica da literatura na base de dados Scopus, no período de 1999 a 2014. Analisou-se 49 artigos identificados por meio das palavras-chave “entrepreneurial orientation” e “university”. Os achados indicaram que a produção científica está em desenvolvimento. Jeffrey G. Covin, G. Thomas Lumpkin e Danny Miller se destacam entre os demais autores. Na agenda de pesquisa proposta para auxiliar no preenchimento das lacunas teóricas, as seguintes categorias/temas emergiram do estudo: Mensuração (TODOROVIC; MCNAUGHTON; GUILD, 2010), Desempenho (SALARAM; MARITZ, 2009), Eficácia empresarial (VAN LOOY et al., 2009; SALVADOR, 2011), Educação empreendedora (LEE; LIM; PATHAK, 2011), Gênero (LIM; ENVICK, 2011), Intenção empreendedora (HASHEMI; HOSSEINI; REZVANFAR, 2012).

Palavras-chave: Orientação empreendedora. Produção científica. Base de dados SCOPUS. Universidades.

1 Introdução

A globalização, a concorrência, as mudanças tecnológicas e as demandas da sociedade por produtos e serviços inovadores são algumas das contingências externas que influenciam e impactam o ambiente de negócios. Para tanto, esta pesquisa parte da premissa que as organizações estão inseridas em um ambiente competitivo, instável e que recebem influência de fatores internos e externos.

¹ Mestre em Administração. Doutoranda na Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Professora no Centro Universitário Uninovafapi. vanessaalencar@uninovafapi.edu.br

² Doutora em Ciências da Comunicação. Professora da Universidade Nove de Julho (UNINOVE). ameliasilveira@gmail.com

³ Mestre em Ciências Contábeis. Doutoranda na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Professora da Universidade do Oeste de Santa Catarina. sabnascimento@gmail.com

⁴ Mestre em Administração. Doutorando da Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas. contato@diegoterra.com.br

Nesse contexto, as organizações precisam se tornar adaptáveis e flexíveis para crescer e se tornar sustentáveis, bem como desenvolver vantagem competitiva. Essa crescente demanda por diferenças sustentáveis e competitivas estimulou reflexões sobre o desenvolvimento do processo empreendedor nas organizações. Para Covin e Slevin (1991), o empreendedorismo impacta positivamente no desempenho empresarial, sendo relevante fonte de vantagem competitiva sustentável. Sendo que as organizações mais bem sucedidas são aquelas que desenvolvem suas atividades pautadas nas premissas do processo empreendedor. Empreender significa inovar ou criar algo novo (HISRICHE; PETER, 2004). Essa constatação fomentou o desenvolvimento de pesquisas sobre o empreendedorismo que abordam o indivíduo, grupos de pessoas e diversos tipos de empresas.

Em princípio, as pesquisas sobre o empreendedorismo se concentravam no indivíduo empreendedor, nas características do comportamento do empreendedor e no ambiente econômico e social que favoreciam o surgimento de novos negócios. Na década de 80 os estudos passam a abordar o processo empreendedor e, posteriormente, a orientação empreendedora (CASTANHAR; DIAS; ESPERANÇA 2006). Essa nova abordagem para o estudo do empreendedorismo nas organizações mudou o foco da análise da temática do nível individual para o nível organizacional.

A Orientação Empreendedora (OE) refere-se ao processo empreendedor no nível organizacional (MILLER, 1983). Miller (1983) foi o primeiro a definir a orientação empreendedora por meio de três dimensões: inovatividade, proatividade e assunção de risco. O estudo de Miller (1983) incentivou o desenvolvimento de pesquisas sobre orientação empreendedora. Os estudos sobre o tema constituem área de estudo em empreendedorismo com um cumulativo corpo de conhecimento em desenvolvimento (COVIN; LUMPKIN, 2011; RAUCH et al. 2009; WALES; MONSEN; MCKELVIE, 2011).

Para Lumpkin e Dess (1996), a OE representa os processos e as práticas de tomada de decisão utilizadas para desenvolver ações empreendedoras. O modelo de orientação empreendedora é representado por cinco dimensões: inovatividade, assunção de riscos, proatividade, autonomia e agressividade competitiva. Essas dimensões foram desenvolvidas a partir da literatura sobre gestão estratégica, podendo uma empresa desenvolver diferentes combinações dessas dimensões, ou mesmo por apenas algumas delas, para constituir a orientação empreendedora de uma organização (LUMPKIN; DESS, 1996).

A literatura existente sobre OE corporativa sugere esta orientação como um benefício quando as organizações enfrentam ambientes dinâmicos e hostis. Entretanto, o conceito de OE é foco de investigação empírica relacionada com as empresas em mercados competitivos. Até o momento, pouco se sabe sobre a sua natureza em outros contextos organizacionais, como no âmbito das instituições de ensino superior (TODORVIC; MCNAUGHTON; GUILD, 2011). Lizote (2013) destaca que as universidades contribuem para a criação e renovação do conhecimento, além de serem responsáveis pelo desenvolvimento cultural, científico e tecnológico. Ainda para Lizote (2013), os desafios impostos pelo ambiente de negócios afetam as universidades como qualquer outra empresa, fato que exige mudanças e transformações no estilo de gestão dessas organizações. A universidade do século XXI é desafiada a ser fonte de inovações, a ser empreendedora (LIZOTE, 2013).

A universidade empreendedora é aquela que adota uma postura empreendedora em relação à criação e disseminação do conhecimento (TEIXEIRA, 2001). Assim, a instituição de

ensino superior deve transformar o conhecimento em valor agregado. Percebe-se que essas instituições tem ainda o papel de desenvolver ações guiadas para inovação e proatividade. Essas devem estimular a criação de novas empresas, desenvolvimento de novos produtos e serviços a partir das pesquisas realizadas por seus alunos e professores (ETZKOWITZ, 2000). Desta forma, as universidades, públicas e privadas, buscam interagir e se aproximar de empresas, por meio do desenvolvimento de novos produtos, do registro de patentes e da criação de *spin-offs* (LIZOTE, 2013).

Percebe-se, entretanto, uma lacuna na interação entre pesquisadores da área de gestão e de educação relacionada aos aspectos inerentes à gestão de instituições de ensino superior, sob a lente da OE. Com vistas, a contribuir para essa discussão e a ampliação do entendimento do assunto, esta pesquisa busca analisar a produção científica internacional para construir conhecimento e traçar perspectivas emergentes em OE em instituições de ensino superior.

2 Referencial Teórico

A OE se configura como um conceito relevante para analisar o empreendedorismo no nível organizacional e seu impacto no desempenho empresarial. Várias pesquisas salientam que OE influencia positivamente o desempenho organizacional (MILLER, 1983; SHORT et al., 2009; WIKLUND; PATZELT; SHEPHERD, 2009; RHEE; PARK; LEE, 2010).

Os estudos pioneiros sobre OE surgiram na década de 80. Miller (1983) apresentou um modelo de análise do fenômeno do empreendedorismo com foco no nível organizacional. O empreendedorismo no âmbito organizacional é definido como orientação empreendedora, ou seja, o processo empreendedor no nível da organização (MILLER, 1983). Conforme Lumpkin e Dess (1996), a orientação empreendedora compreende os processos e as práticas de tomada de decisão utilizadas para agir de forma empreendedora.

A OE é uma característica da empresa e não apenas de um integrante da organização. Miller (1983) argumenta que a OE se manifesta em três dimensões: inovatividade, proatividade e assumir risco. A inovatividade representa a capacidade de inovação da empresa, ou seja, capacidade de criar novos produtos, serviços e processos. As inovações são concretizadas nas empresas por meio do exercício da criatividade e do desenvolvimento de novos produtos e serviços (MILLER, 1983). Lumpkin e Dess (1996) ressaltam que a inovatividade significa a tendência da empresa tem para potencializar a adoção de novas tecnologias e procedimentos internos e ainda, desenvolver um ambiente favorável ao desenvolvimento da criatividade e a geração de novos negócios. A dimensão de assumir o risco se manifesta na avaliação dos cenários e no cálculo dos riscos em relação aos recursos e as capacidades da organização (MILLER, 1983). Refere-se a aceitação de riscos e incertezas que estão envolvidas quando se comprometem os recursos das organizações (LUMPKIN; DESS, 1996). Por sua vez, a dimensão proatividade representa a busca constante de novas oportunidades de negócios para a empresa se torna pioneira perante seus concorrentes. A proatividade é concretizada nas ações organizacionais através da introdução de novas estratégias, o abandono de estratégias maduras, a eliminação de produtos ou serviços na fase de declínio e na antecipação de oportunidades de mercado (LUMPKIN; DESS, 1996). Essa dimensão está relacionada a uma perspectiva futura, em que por meio dela, as empresas

podem antecipar tendências e colocar no mercado de forma rápida produtos ou serviços inovadores que lhe assegure vantagem competitiva (MILLER, 1983).

As empresas empreendedoras investem em desenvolver e exercitar todas as dimensões da OE, enquanto as empresas não empreendedoras não inovam. Portanto, são contra correr risco e agem de forma seguidora no mercado. Nesse contexto, são consideradas empreendedoras as organizações que desenvolvem em certo nível as três dimensões da OE propostas por Miller, caracterizando a unidimensionalidade do constructo (MILLER, 1983).

Miller (1983) e Lumpkin e Dess (1996) argumentam que a OE representa os processos e práticas de tomada de decisão, utilizados para agir de forma empreendedora no nível organizacional. Os autores postulam que cinco dimensões refletem a OE nas organizações: inovatividade, proatividade, assunção de riscos, autonomia e agressividade competitiva, sendo as duas últimas propostas por eles.

Enquanto, Miller (1983) propôs a unidimensionalidade da OE (inovatividade, assunção de riscos e proatividade), Lumpkin e Dess (1996) asseveram que a OE é um constructo multidimensional, que se manifesta na organização dependendo do contexto e da situação. Para Lumpkin e Dess (1996), as cinco dimensões da OE podem acontecer em momentos diferentes dependendo das contingências ambientais. Diante de diferentes tipos de oportunidades e desafios, as dimensões podem se manifestar conforme necessário. Para os autores, uma organização pode ser considerada empreendedora ao desenvolver algumas dimensões e não necessariamente todas as dimensões da orientação empreendedora ao mesmo tempo. O mapa conceitual elaborado com base na teoria aqui sintetizada pode ser visto, na Figura 1.

Organizadores:

ANEGEPE
Associação Nacional de Estudos
em Empreendedorismo e Gestão
de Pequenas Empresas

Realizadores:



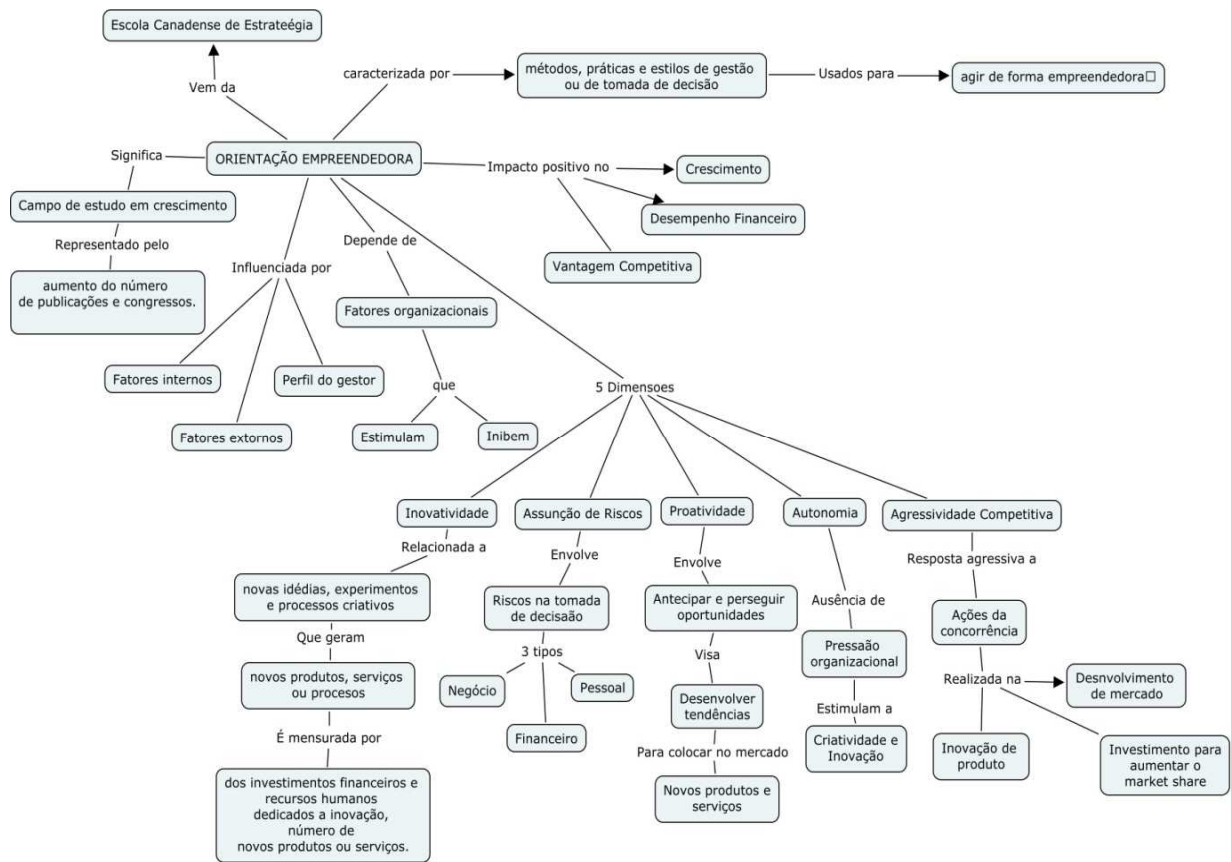


Figura 1: Mapa conceitual orientação empreendedora

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

A relação entre orientação empreendedora e desempenho organizacional é foco do estudo de muitas pesquisas empíricas. Algumas dessas pesquisas apontaram que empresas que tem uma orientação empreendedora maior apresentam também um desempenho melhor (COVIN; SLEVIN, 1989; LUMPKIN; DESS, 1996; WIKLUND; SHEPHERD, 2005).

3 Metodologia da Pesquisa

Esta pesquisa descritiva, com método quantitativo e qualitativo, e tem por objetivo analisar a produção científica internacional para traçar a construção do conhecimento e as perspectivas emergentes de pesquisas relacionadas a orientação empreendedora, em instituições de ensino superior, no período de 1999 a 2014.

Em relação às pesquisas quantitativas, conforme Boudon (1989, p. 24) estas “podem ser definidas como as que permitem recolher, num conjunto de elementos, informações comparáveis entre um elemento e outro”. Para Vieira e Zouain (2004) estudos com características qualitativas apresentam uma riqueza de dados que permitem entender um fenômeno em sua totalidade e ainda, facilita a exploração de contradições e paradoxos.

Na primeira parte, quantitativa, o estudo está pautado na técnica bibliométrica, que segundo Ikpaahindi (1985) destaca que pode ser classificada como uma série de técnicas que buscam quantificar o processo da comunicação escrita. De forma geral, se volta para a análise da literatura e da produção científica em área específica. A pesquisa se classifica como documental, uma vez que se constitui de artigos completos disponíveis em linha e publicados em periódicos científicos indexados na base de dados SCOPUS. Destaca-se que esta é uma pesquisa inicial que investiga a literatura publicada e sistematiza o assunto orientação empreendedora, em âmbito internacional, vinculado às instituições de ensino superior. A base de dados escolhida foi a SCOPUS, apresentando-se com 21 mil títulos indexados, de 5.000 editoras internacionais, sendo atualizada diariamente.

A coleta de dados ocorreu na base de dados SCOPUS, nos dias 10 e 11 de dezembro de 2014, com documentos científicos publicados no período de 1999 a 2014. Os seguintes critérios foram adotados para delimitar o universo pesquisado: 1) busca do termo “*entrepreneurial orientation*”, realizada nos títulos, resumos e palavras-chave das publicações indexadas na SCOPUS, que resultou em 528 artigos científicos; 2) busca do termo “*university*”, nos títulos, resumos e palavras-chave das publicações disponíveis na base de dados SCOPUS, que resultou em 988.245 artigos; 3) busca, simultânea, dos termos “*entrepreneurial orientation*” e “*university*” no título, resumo e palavras-chave, que resultou em 76 publicações; 4) aplicação de novo filtro de seleção entre os 76 documentos científicos que apresentavam as duas terminologias. Optou-se por analisar apenas os artigos científicos, excluindo-se os livros, editoriais e artigos de eventos, o que resultou em uma nova amostra de 63 artigos científicos; 5) busca dos artigos da subárea de *Business e Management and Accounting*, sobre orientação empreendedora e universidade, o que compreendeu a exclusão de quatorze artigos científicos e a amostra final composta por 49 artigos. Realizou-se, em seguida, a leitura dos títulos e resumos dos 49 artigos selecionados para verificar os que tratavam, especificamente, de OE em Universidades. Cabe destacar que oito artigos se revelaram como os mais específicos.

Para aprofundar o entendimento sobre a temática, utilizou-se o modelo adotado na pesquisa realizada por Cortês (2014), buscando amparo para auxiliar na elaboração dos indicadores bibliométricos, tais como: 1) evolução da produção científica ao longo do tempo; 2) palavras-chave; 3) autores mais prolíficos; 4) país de origem da produção científica analisada; 5) nome da revistas científicas em que o artigo foi publicado; 6) área do conhecimento em que o periódico está vinculado; 7) fator de impacto do periódico; 8) trabalhos mais citados; 9) objetivo dos artigos selecionados; 10) metodologia utilizada pelos artigos analisados; 11) sugestões de pesquisas futuras; e 12) principais resultados encontrados nos estudos empíricos analisados.

4 Análise dos Resultados

Nesta seção constam os resultados da análise dos artigos selecionados. A Figura 2 apresenta a evolução da produção científica sobre orientação empreendedora e universidade, no período de 1999 a 2014.

Organizadores:



ANEGEPE
Associação Nacional de Estudos
em Empreendedorismo e Gestão
de Pequenas Empresas

Realizadores:



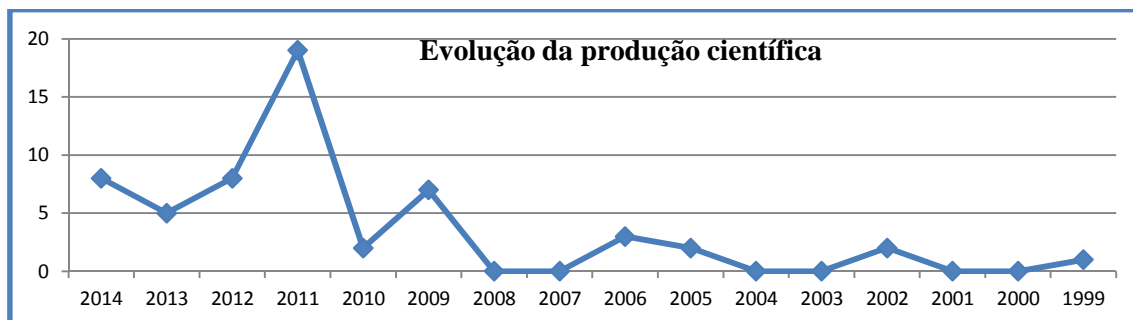


Figura 2 - Evolução da produção científica no período de 1999 a 2014

Fonte: Dados da pesquisa.

A partir da busca realizada na base de dados SCOPUS, verificou-se que o primeiro artigo científico foi publicado em 1999, nos anos de 2000, 2001, 2003, 2004, 2007 e 2008 não ocorreram publicações sobre essa temática. Entretanto, o número de publicações sofreu variações ao longo dos 15 anos analisados, uma vez que o ápice das publicações ocorreu durante o ano de 2011 com mais de 18 artigos publicados. Em anos posteriores, percebe-se a redução no número de publicações sobre o assunto, porém nota-se que em 2012 e 2014 o número de oito publicações manteve-se constante. Em linhas gerais, percebe-se que a temática nos últimos 5 anos vem galgando seu espaço na literatura, o que potencializa a possibilidade de publicações futuras frente a sua relevância no contexto universitário.

Dentre os 49 artigos publicados que versam sobre a orientação empreendedora e universidades, outro aspecto relevante corresponde às palavras-chave que aparecem nessas pesquisas empíricas, conforme Figura 3.

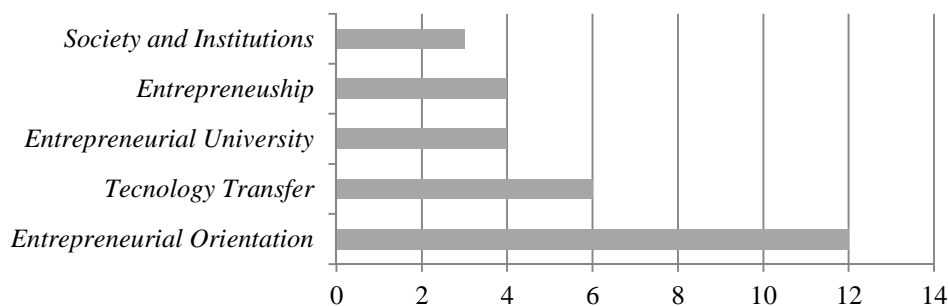


Figura 3: Palavras-chaves encontradas nos artigos analisados

Fonte: dados da pesquisa

De acordo com a Figura 4, dentre as palavras-chave que aparecem nos artigos científicos analisados, as que apresentaram a maior frequência são *entrepreneurial orientation*, com 12 incidências, *tecnology transfer*, com seis incidências, *entrepreneurial orientatios*, com quatro incidências, *entrepreneurship*, também com quatro incidências, e *society and institutions*, com três incidências.

Com relação aos autores mais prolíficos encontrados entre as pesquisas científicas analisadas, a Tabela 1 mostra os dez autores que se destacam, no período compreendido entre 1999 a 2014.

Tabela 1: Autores mais prolíficos encontrados nos artigos analisados

Autores	Nº de artigos	Autores	Nº de artigos
Covin, J. G.	4	Monsen, E.	2
Lumpkin, G. T.	3	Wiklund, J.	2
Miller, D.	3	Lim, S.	2
Kreiser, P. M.	2	Marino, L.	2
Kirkman, D. M.	2	Wales, W.	2

Fonte: Dados da pesquisa.

Percebe-se na Tabela 1, que os autores que se sobressaíram em relação ao número de publicações sobre orientação empreendedora e universidade foram Jeffrey G. Covin com quatro publicações. Este pesquisador é professor de empreendedorismo e gestão estratégica na Escola de Administração de Kelley, na Universidade de Indiana, em Bloomington, nos Estados Unidos. Na sequência, com três publicações, aparece G. Thomas Lumpkin, professor na Escola de Negócio Whiteman, na Universidade de Syracuse, em Nova York, nos Estados Unidos, e presidente da Chris J. Witting em Empreendedorismo. Por sua vez, Danny Miller, que é pesquisador sênior e diretor do Centro de Pesquisa em Negócios Familiares na Faculdade de Montréal, Québec, no Canadá. Em seguida, com duas publicações aparecem os pesquisadores Kreiser, P. M., Kirkman, D. M., Monsen, E., Wiklund, J., Lim, S., Marino, L. e Wales, W. Destaca-se ainda que outros 126 autores apresentaram uma publicação sobre a referida temática.

A Tabela 2 apresenta um *ranking* dos países de origem das produções científicas que versam sobre orientação empreendedoras e universidades, no período de 1999 a 2014, indexadas na SCOPUS.

Tabela 2 – Ranking dos países de origem da produção científica

País de origem	Nº de artigos	País de origem	Nº de artigos
1. Estados Unidos	28	6. Iran	3
2. Canadá	6	7. Finlândia	2
3. Alemanha	5	8. Holanda	2
4. Itália	5	9. Suécia	2
5. China	4	10. Inglaterra	2

Fonte: dados da pesquisa

Verifica-se na Tabela 2, em relação às publicações sobre OE e universidades, uma popularização de pesquisas empíricas que versam sobre o assunto nos Estados Unidos, uma vez que 28 publicações têm origem norte americana. Na segunda posição aparece o Canadá, com seis publicações, e a terceira posição é ocupada pela Alemanha e Itália, ambas com cinco publicações. Ressalta-se que nenhuma publicação teve como origem o Brasil, o que o configura como um campo propício para o desenvolvimento de pesquisas científicas nesta área do conhecimento, cabendo a proposição de uma agenda de pesquisa.

Para tanto, outro aspecto relevante para compreender a produção científica relacionada com a OE e universidades são os veículos utilizados pelos pesquisadores da área para divulgar seus achados, conforme apresenta a Tabela 3.

Tabela 3 – Periódicos científicos que mais publicaram sobre OE e Universidades de 1999 a 2014

Título dos periódicos	Nº de artigos
1. <i>Entrepreneurship: Theory & Practice</i>	25
2. <i>Education and Training</i>	2
3. <i>International Entrepreneurship and Management Journal</i>	2
4. <i>Journal of Business Economics</i>	2
5. <i>Technovation</i>	2
6. <i>Australian Journal of Basic</i>	1
7. <i>Computer and Composition</i>	1
8. <i>Economic Geography</i>	1
9. <i>European Journal of Economic</i>	1
10. <i>High Education</i>	1

Fonte: dados da pesquisa.

Constata-se na Tabela 3, que o periódico com maior número de publicações sobre o OE e universidades foi o *Entrepreneurship: Theory & Practice*, com 25 artigos veiculados dentre os 49 artigos científicos analisados. Este periódico destaca-se entre os demais da área, sendo considerado de excelência. Na segunda posição, aparecem os periódicos *Education and Training*, *International Entrepreneurship and Management Journal*, *Journal of Business Economics* e o *Technovation* com duas publicações respectivamente. E por fim, em terceiro lugar, com uma publicação, aparecem os periódicos *Australian Journal of Basic*, *Computer and Composition*, *Computer and Composition*, *Economic Geography*, *European Journal of Economic* e *High Education*.

Aprofundando o aspecto dos periódicos que publicam sobre o assunto desta pesquisa, a Tabela 4 evidencia o fator de impacto destes periódicos científicos indexados na base de dados SCOPUS, e mais utilizados pelos pesquisadores para disseminar seus achados científicos em OE e universidades.

Tabela 4 – Fator de impacto dos periódicos científicos que mais publicaram sobre OE e Universidades de 1999 a 2014

Título dos periódicos	Fator de impacto
1. <i>Entrepreneurship: Theory & Practice</i>	3,144
2. <i>Education and Training</i>	0,390
3. <i>International Entrepreneurship and Management Journal</i>	2,814
4. <i>Journal of Business Economics</i>	0,511
5. <i>Technovation</i>	2,027

Fonte: dados da pesquisa.

Cabe ressaltar que o *Entrepreneurship: Theory & Practice* (ET&P) é uma revista acadêmica líder na área de estudos voltados ao empreendedorismo, sendo ainda o periódico

oficial da *Unides States Association for Small Business and Entrepreneurship* (USASBE). Este periódico tem como propósito publicar pesquisas que avancem significativamente no campo do empreendedorismo. (ENTREPRENEURSHIP THEORY & PRACTICE, 2015).

Quanto ao *International Entrepreneurship and Management Journal* (IEMJ), este busca publicar pesquisas de alta qualidade que abordam o empreendedorismo em seu sentido mais amplo voltado para gestão das organizações empresariais. Os editores incentivam a veiculação de pesquisas que são de âmbito internacional ou questões nacionais com relevância global. E ainda, pesquisas que incluem o empreendedorismo e sua relação com a gestão estratégica, interfaces entre o empreendedorismo e a inovação tecnológica, além do impacto das políticas públicas sobre as iniciativas empresariais (INTERNATIONAL ENTREPRENEURSHIP AND MANAGEMENT JOURNAL, 2015).

Neste estudo bibliométrico sobressairam, claramente, os oito artigos científicos que se enquadravam, mais especificamente, com o objetivo desta pesquisa. Estes artigos foram revistos, em sua totalidade, conforme revisão de literatura, a seguir. Nesta parte, o método qualitativo, e o raciocínio indutivo, forma adotados.

Com vistas a compreender as implicações da orientação empreendedora em instituições de ensino superior, Van Looy et al. (2009) realizaram um estudo com 105 universidades de 14 países europeus com o intuito de analisar os antecedentes da eficácia empresarial no âmbito das instituições de ensino e ainda, examinar os *trade-offs* sobre o nível dos mecanismos de transferência (contratos de pesquisa, atividade de patenteamento e criação de *spin-off*), bem como a relação com as atividades científicas. Os resultados revelam uma relação positiva entre a produção científica das universidades e sua eficácia empresarial. Universidade com uma produtividade científica mais forte favorece uma posição vantajosa no desenvolvimento de atividades empreendedoras. Verifica-se também uma relação significativa entre a produtividade científica e a criação de *spin-off*. Os autores sugerem para futuras pesquisas a análise dos antecedentes adicionais em diferentes níveis, como no nível da universidade, a análise mais detalhada das diferenças de orientação estratégica, arranjos de incentivo e as estruturas de apoio que permitiriam uma avaliação de impacto quantitativa das práticas empresariais implantadas em universidades. Os esforços de investigação poderiam ser orientados na direção da avaliação do impacto (nacional ou regional das características do sistema de inovação) em que as universidades são incorporadas. A medida que as investigações futuras confirmam o papel crucial das características do sistema nacional de inovação no desempenho empreendedor das universidades, pode-se vislumbrar oportunidades consideráveis para o crescimento de investigações no contexto europeu. E ainda, propor um modelo que produz os melhores resultados sem colocar em risco a excelência científica e educacional para tornar maiores os níveis de atividades empreendedoras.

Para compreender o papel da OE, capital social e desempenho acadêmico, Saram e Maritz (2009) analisaram as inter-relações abstratas entre estes constructos em um ambiente com base no conhecimento. A pesquisa foi realizada com 271 docentes em tempo integral na Universidade de Melbourne, na Austrália, compreendendo docentes em várias posições acadêmicas sendo 162 homens e 106 mulheres. O estudo adotou uma abordagem quantitativa com a aplicação de um questionário com análise de regressão múltipla e correlação. Os resultados confirmam a relação entre os componentes de capital social e as dimensões da orientação empreendedora. Os resultados indicam a relação entre a dimensão estrutural do

capital social e o desempenho. A análise de regressão encontrou algumas variáveis que podem prever o desempenho e a orientação empreendedora em instituições de ensino superior. Os achados confirmam que a produtividade dos docentes tem uma relação positiva e moderadamente forte com a orientação empreendedora. No contexto, acadêmico, verificou-se que aqueles que têm mais escores de produtividade têm mais orientação empreendedora. Como sugestões para futuras pesquisas os autores mencionam que na literatura sobre empreendedorismo nas organizações indica que é na fase da infância que os fatores devem ser examinados para fomentar as atividades empresariais. E o capital social é visto como um conceito emergente que vem ganhando espaço nos estudos organizacionais. Neste contexto, pesquisas devem ser realizadas sobre este viés para poder ajudar a aliviar os problemas financeiros das universidades e ainda, reduzir a dependência dessas instituições dos órgãos governamentais.

À medida que a aplicabilidade OE é vislumbrada no âmbito das instituições de ensino superior, Todorovic, McNaughton e Guild (2010) propuseram uma escala para mensurar a OE em universidades, no nível departamental. A abordagem metodológica, constituiu-se de entrevistas com aplicação da técnica de *focus group* com membros do corpo docente dos departamentos de ciência da computação, ciências da saúde e engenharia nas universidades canadenses. Na sequência, realizou-se aplicação do questionário elaborado a partir das entrevistas, aplicado via web com 187 indivíduos que atuavam nos departamentos de ciências da saúde, ciências da computação e engenharia. Estes dados foram analisados a partir da modelagem de equações estruturais. Os achados apresentam uma escala de mensuração em que possibilita demonstrar que as universidades estão se ajustando às mudanças econômicas recentes e às expectativas em relação à sua contribuição para a inovação e o desenvolvimento econômico. Tendo em vista que o financiamento governamental vem se tornando mais escasso, estas são obrigadas a diversificar as suas fontes de receita e para torna-se mais eficientes na transferência de recursos para uma maior comercialização do conhecimento. Como resposta, as universidades são encorajadas a tornarem-se mais “empreendedoras”. Esta pesquisa fornece uma definição do que significa ser “empreendedor” no contexto de um departamento universitário e uma escala para mensurar a orientação empreendedora. Nessa linha de pensamento, os autores sugerem a replicação de estudos com esta escala em universidades de outros países, em especial as americanas e com diferentes fontes e níveis de financiamento governamental.

Lee, Lim e Pathak (2011) buscaram investigar o papel da cultura por meio das diferenças entre os países selecionados em termos de dimensões da Orientação Empreendedora proposto por Lumpkin e Dess (1996). A pesquisa empírica foi realizada em uma base de dados coletados com estudantes universitários dos Estados Unidos, Coréia, Fiji, Índia e Malásia para analisar nações com diferenças culturais significantes. A amostra de universitários dos Estados Unidos (96 alunos), Coréia (114 alunos), Fiji (80 alunos), Índia (94 alunos) e Malásia (99 alunos) que representam contextos culturais distintos. Para análise do questionário aplicado aos universitários, utilizou-se uma abordagem quantitativa multivariada por meio da regressão com o cálculo da ANOVA. Os achados deste estudo sugerem que diferentes contextos culturais têm forte impacto nas dimensões de OE analisadas dentre os estudantes universitários. Destaca-se que o elevado nível de empreendedorismo não significa necessariamente elevado nível de orientação empreendedora e ainda, que o desenvolvimento

de currículos altamente personalizados voltados para o empreendedorismo deve considerar as dimensões da orientação empreendedora de cada país para fomentar o surgimento de líderes nos países analisados. Os autores sugerem que a realização de uma pesquisa empírica de levantamento em uma parcela maior da população em vários países para aprofundar os achados e ainda, a mencionam a realização de um estudo longitudinal para observar o impacto da educação para o empreendedorismo em estudantes universitários em termos de orientação empreendedora, bem como a avaliação do impacto das condições econômicas flutuantes em cada país, decorrente da atual crise financeira mundial.

Lim e Envick (2011) investigaram o papel do gênero e da cultura na orientação empreendedora (OE) proposta por Lumpkin e Dess (1996) entre universitários em nações selecionadas. A pesquisa foi realizada com 389 universitários, sendo 96 estudantes dos Estados Unidos, 114 estudantes da Coreia, 80 estudantes de Fiji e 90 estudantes da Malásia. A abordagem metodológica é quantitativa, com a utilização da ANOVA. Os resultados mostraram diferenças significativas nas dimensões da OE entre os gêneros e as nações analisadas. Verificou-se ainda que os estudantes do gênero masculino pontuaram mais sobre as quatro dimensões da OE do que os estudantes do gênero feminino. Os autores mencionam que embora o gênero não parece afetar o desempenho de novos empreendimentos, há diferenças importantes na maneira como pessoas do gênero masculino e feminino se envolvem em atividades empreendedoras. Em linhas gerais os autores sugerem, a realização de abordagens personalizadas com base no gênero e no contexto cultural são necessárias para o desenvolvimento da OE entre os estudantes universitários em um ambiente único.

A pesquisa realizada por Salvador (2011) teve como objetivo analisar o contexto de empresa *spin-off* de universidade, com foco na relação com parques de incubadoras tecnológicas e sua importância como nome da marca. A pesquisa foi realizada por meio de um estudo de caso na Universidade de Turim na Itália. Os achados revelam que a solução mais comum adotada são os auxílios por parte da incubadora no sentido de aprender fazendo. A hospitalidade do âmbito de uma incubadora ou parque tecnológico é fundamental e isso é provado por muitas respostas para as seções do questionário de pesquisa. Assim, a presença de um serviço tutorial disponível para as empresas incubadas é na maioria das vezes uma solução útil para as competências empresariais faltantes. Um dos principais problemas revelados no estudo se refere a falta de compreensão por parte das *spin-offs* quanto as oportunidades disponíveis para a obtenção de financiamentos. Entende-se que o papel das “marcas” oriundas de parques tecnológicos deve ser reforçado a fim de melhorar o desempenho das empresas incubadas e salvaguardar o potencial de investigação das empresas *spin-off*.

Hashemi, Hosseini e Rezvanfar (2012) buscaram explicar a intenção empreendedora entre estudantes de agricultura com os antecedentes da autoeficácia empreendedora e da OE da universidade. Os autores realizaram uma pesquisa com abordagem quantitativa auxiliada pela Análise Fatorial Exploratória (AFE) e confirmatória (AFC). Os resultados apresentam o vínculo indissolúvel entre o ambiente de aprendizagem inovador e as crenças nos seis componentes da autoeficácia empreendedora, que devem ser reforçadas por meio de ingredientes das políticas educativas e administrativas regulares que promovem a autoeficácia e o espírito empreendedor entre os universitários analisados.

Em linha com pesquisas anteriores, Mavi (2014) buscou definir critérios globais para a avaliação de universidades empreendedoras. O estudo foi realizado com doze gestores acadêmicos especializados que participaram da pesquisa por meio da ponderação de critérios de julgamento para tomada de decisão. Na análise das informações coletadas foram empregadas a lógica *fuzzy* para estabelecer múltiplos critérios para tomada de decisão em problemas mal definidos e o método de Análise Hierárquica Distorcida para selecionar as universidades empreendedoras, por meio de *rankings* de várias alternativas em que diversos critérios subjetivos em que foram determinados pesos para definição das instituições. Os resultados revelam que as universidades iranianas privadas são mais empreendedoras do que as outras duas universidades públicas. A universidade estadual tem melhor pontuação em algumas medidas como descrição do trabalho, autonomia, modelos e sistemas de recompensa, capital humano e recursos físicos, status e *networking* por causa do suporte governamental. Em geral, todas as universidades públicas no Irã estão ganhando apoios financeiros do governo, portanto a maioria possui mais recursos do que as universidades estaduais e privadas. Em decorrência da visão estratégica da gestão das universidades privadas, estas centram suas pesquisas sobre as questões industriais reais. Portanto, a colaboração entre as universidades privadas e a indústria é tipicamente maior do que nas outras universidades analisadas. E as universidades quase-estatais demonstram uma fraqueza na contratação de docentes experientes, apresentam menor cooperação em projetos de pesquisa e menor ajuda financeira do governo e por sua vez, não tem boa posição em relação ao empreendedorismo. Sugerem-se para futuras pesquisas que os pesquisadores possam se concentrar na dependência entre os critérios analisados com os métodos *fuzzy*.

Com base no estudo realizado, depreende-se que os novos rumos para a pesquisa em OE e universidades com base em novas ideias e perspectivas de pesquisa emerge como uma agenda de pesquisa, conforme apresenta o Quadro 1.

Quadro 1- Agenda para futuras pesquisas sobre orientação empreendedora em universidades

Categorias/Temas	Descrição e/ou objetivo	Obras de referência
Mensuração	Escala de mensuração da OE em universidade a nível departamental	Todorovic, McNaughton e Guild (2010)
	Escala de mensuração da capacidade empreendedora das universidades, de acadêmicos e docentes.	Mavi (2014)
Desempenho	Compreender o papel da orientação empreendedora, capital social e desempenho em um ambiente com base no conhecimento.	Salaram e Maritz (2009)
Eficácia empresarial	Examinar os <i>trade-offs</i> sobre o nível dos mecanismos de transferência (contratos de pesquisa, atividade de patenteamento e criação de <i>spin-off</i>), bem como a relação com as atividades científicas.	Van Looy et al. (2009)
	Criação de <i>spin-off</i> em universidade, com foco na relação com parques de incubadoras tecnológicas.	Salvador (2011)
Educação empreendedora	Impacto da educação para o empreendedorismo em estudantes universitários em termos de orientação empreendedora.	Lee, Lim e Pathak (2011)
Gênero	Analisar o papel do gênero e da cultura nas dimensões de OE.	Lim e Envick (2011)
Intenção empreendedora	Explicar a intenção empreendedora entre estudantes	Hashemi, Hosseini e

	de agricultura com os antecedentes da autoeficácia empreendedora.	Rezvanfar (2012)
--	---	------------------

Fonte: dados da pesquisa.

5 Considerações Finais

O objetivo desta pesquisa foi analisar a produção científica internacional para traçar a construção do conhecimento e as perspectivas emergentes de pesquisas relacionadas com a orientação empreendedora e universidades, no período de 1999 a 2014. Para tanto, a amostra compreendeu 49 artigos científicos publicados na base de dados SCOPUS, entre os anos de 1999 e 2014, que continham os termos “*entrepreneurial orientation*” e “*university*” no título, no resumo ou nas palavras-chave. Na metodologia, a pesquisa descritiva adotou os métodos quantitativo, que se realizou por meio de um estudo bibliométrico, e qualitativo, que se mostrou por meio de revisão de literatura dos artigos mais específicos sobre o assunto de pesquisa.

Os achados demonstram que o número de publicações relacionadas a OE e universidades vem se mantendo constante nos últimos anos (2012 e 2014), sendo que o ápice das publicações ocorreu em 2011, sendo o primeiro artigo publicado em 1999. Quanto à incidência de palavras-chave, as que apresentaram maior representatividade foram *entrepreneurial orientation*, *technology transfer*, *entrepreneurial orientatios*, *entrepreneurship* e *society and institutions*, respectivamente.

Os resultados permitem afirmar que o campo de pesquisa sobre OE em universidades está em desenvolvimento, pois existem diversos autores que publicam poucos artigos, ou seja, a temática recebe contribuição de diversos acadêmicos, ao longo do tempo. Os autores Jeffrey G. Covin, G. Thomas Lumpkin e Danny Miller foram mais produtivos.

No que tange à origem dos artigos, constatou-se que os Estados Unidos lideram o *ranking* de publicações, seguido pelo Canadá, Alemanha e Itália. Entre, os veículos utilizados para disseminar o conhecimento destaca-se o periódico *Entrepreneurship: Theory & Practice*, com maior número de publicações no assunto, e maior fator de impacto. Ressalta-se ainda, a inexistência de estudos que abordem a referida temática na literatura acadêmica brasileira. Trata-se de uma informação relevante, pois mostra que há oportunidades para o desenvolvimento de pesquisas brasileiras nesta área do conhecimento, sendo oportuna a proposição de uma agenda de pesquisa.

Os achados permitiram propor uma agenda de pesquisa, uma vez que se pôde conhecer e avaliar a evolução das pesquisas sobre orientação empreendedora em universidades para vislumbrar novas pesquisas que possam auxiliar no preenchimento das lacunas teóricas, com as categorias/temas: mensuração da OE (TODOROVIC; MCNAUGHTON; GUILD, 2010), desempenho (SALARAM; MARITZ, 2009), Eficácia empresarial (VAN LOOY et al., 2009; SALVADOR, 2011), educação empreendedora (LEE; LIM; PATHAK, 2011), Gênero (LIM; ENVICK, 2011), Intenção empreendedora (HASHEMI; HOSSEINI; REZVANFAR, 2012). Por fim, esta pesquisa tem sua contribuição ao apontar possíveis direções de investigação relacionada à orientação empreendedora para os pesquisadores da área, e de gestão universitária e de educação. Estes poderão analisar aspectos inerentes à gestão de instituições de ensino superior, com vistas a tornar as universidades mais competitivas e empreendedoras,

para enfrentar ambientes dinâmicos e hostis, considerando os atuais rumos sociais e econômicos mundiais.

Referências

- BOUDON, Raymond. **Os métodos em sociologia**. São Paulo: Ática, 1989.
- CASTANHAR, J. C.; DIAS, J. F.; ESPERANÇA, J. P. Orientação empreendedora, reconhecimento de oportunidades e desempenho em pequenas e médias empresas brasileiras: evidências de dois estudos de caso . In: ENCONTRO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 30, 1996, Rio de Janeiro. **Anais....**Rio de Janeiro, ANPAD, 1996.
- CORTÊS, P. L. **Guia prático e resumido para a realização de estudos bibliométricos**. São Paulo: s.l. 2014. n.p. (não publicado).
- COVIN, J. G.; SLEVIN, D. P. A conceptual model of entrepreneurship as firm behavior. **Entrepreneurship: Theory & Practice**, v. 16, n.1, 7-25, 1991.
- COVIN, J. G.; SLEVIN, D. P. Strategic management of small firms in hostile and benign environments. **Strategic Management Journal**, v. 10, n.1, 75-87, 1989.
- COVIN, J. G.; LUMPKIN, G. T. Entrepreneurial orientation theory and research: reflections on a needed construct. **Entrepreneurship: Theory and Practice**, v. 35, n.5, 855-872, 2011.
- ENTREPRENEURSHIP THEORY & PRACTICE. **Missão**. Disponível em: < https://www.facebook.com/EntrepreneurshipTheoryPractice/info?tab=page_info>. Acesso em 29 set. 2015.
- ETZKOWITZ, H. Research groups as ‘quasi-firms’: the invention of the entrepreneurial university. **Research Policy**, v. 29, n.2, 212-330, 2000.
- HASHEMI, S. M. K.; HOSSEINI, S. M.; REZVANFAR, A. Explaining entrepreneurial intention among agricultural students: Effects of entrepreneurial self-efficacy and college entrepreneurial orientation. **Research Journal of Business Management**, v. 6, n.3, 94-102, 2012.
- HISRICH, R.; PETERS, M. **Empreendedorismo**. 5. ed. São Paulo: Bookman, 2004.
- INTERNATIONAL ENTREPRENEURSHIP AND MANAGEMENT JOURNAL. Description. Disponível em: < <http://link.springer.com/journal/11365>>. Acesso em: 29 set. 2015.
- IKPAAHINDI, L. An overview of bibliometrics: its measurements, laws and their applications. **Libri**, v. 35, n. 2, p.163-177, 1985.
- LEE, S. M.; LIM, S.; PATHAK, R. D. Culture and entrepreneurial orientation: a multi-country study. **International Entrepreneurship Management Journal**, v. 7, p.1-15, 2011.
- LIM, S.; ENVICK. B. R. Gender and entrepreneurial orientation: a multi-country study. **International Entrepreneurship Management**, v.9, p. 465-482, 2011.
- LIZOTE, S. A. **Relação entre Competências Empreendedoras, Comprometimento Organizacional, Comportamento Intraempreendedor e Desempenho em Universidades**. 2013, 162 f. Tese (Doutorado em Administração e Turismo) – Universidade do Vale do Itajaí, Biguaçu, 2013.
- LUMPKIN, G. T.; DESS, G. G. Clarifying the entrepreneurial orientation construct and linking it to performance. **Academy of Management Review**, v. 21, n.1, p. 135–172, 1996.

- MAVI, R. K. Indicators of entrepreneurial university: fuzzy AHP and fuzzy topsis approach. **Journal Knowledge Economic**, v. 5, p. 370-387, 2014.
- MILLER, D. The correlates of entrepreneurship in three types of firms. **Management Science**, v. 29, n. 7, p. 70-791, 1983.
- RAUCH, A. et al. Entrepreneurial orientation and business performance: an assessment of past research and suggestions for the future. **Entrepreneurship: Theory & Practice**, v. 33, p.761-787, 2009.
- RHEE, J.; PARK, T.; LEE, D. H. Drivers of innovativeness and performance for innovative SMEs in South Korea: mediation of learning orientation. **Technovation**, v. 30, n.1, p. 65-75, 2010.
- SALARAM, M. M.; MARITZ, A. Entrepreneurial environment and research performance in knowledge-based institutions. **Journal International Entrepreneurship**, v.7, p.261-280, 2009.
- SALVADOR, E. Are science parks and incubators good “brand names” for spin-offs? The case study of Turin. **Journal Technologic Transfer**, v.36, p.203-232, 2011.
- SHORT, J. C. et al. Family firms and entrepreneurial orientation in publicly traded firms a comparative analysis of the S&P 500. **Family Business Review**, v. 22, n.1, p. 9-24, 2009.
- TEIXEIRA, A. **Universidades corporativas x educação corporativa: o desenvolvimento do aprendizado contínuo**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.
- TODORVIC, Z. W.; MCNAUGHTON, R. B.; GUILD, P. Entre-U: an entrepreneurial orientation scale for universities. **Technovation**, v. 31, p. 128-137, 2011.
- VAN LOOY, B. et al. Entrepreneurial effectiveness of European universities: an empirical assessment of antecedents and trade-offs. **Research Policy**, v. 40, p.553-564, 2011.
- VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. (Org.). **Pesquisa qualitativa em administração**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.
- WALES, W.; MONSEN, E.; MCKELVIE, A. The organizational pervasiveness of entrepreneurial orientation. **Entrepreneurship: Theory & Practice**, v. 35, n. 5, p. 895-923, 2011.
- WIKLUND, J.; PATZELT, H.; SHEPHERD, D. A. Building an integrative model of small business growth. **Small Business Economics**, v. 32, n. 4, p. 351-374, 2009.
- WIKLUND, J.; SHEPHERD, D. Entrepreneurial orientation and small business performance: a configurationally approach. **Journal of Business Venturing**, v. 20, n.1, p. 71-91, 2005.